

Entrelinhas: Considerações sobre a produção uma revista laboratorial

Salvio Juliano Peixoto Farias¹
 salvioj@yahoo.com.br

Resumo

A Entrelinhas é uma revista impressa produzida pelo curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, das Faculdades Alves Faria (Alfa), sediada em Goiânia, Goiás. Este relato reúne observações sobre a rotinas de produção dessa revista, em cujas atividades os alunos perfazem todas as etapas de concepção de um impresso do gênero, colocando em prática técnicas apreendidas em diversas disciplinas do curso e fomentando o debate sobre o fazer jornalístico, seus pressupostos e suas consequências.

Palavras-chave: jornalismo; revista; prática laboratorial, design editorial

1. Introdução

Produzir revista não é tarefa fácil. E nem sempre os alunos estão preparados para dar um passo adiante quando se exige mais apuro no levantamento de fontes ou na redação do texto. Igual-

¹ Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) e Artes Visuais (Design Gráfico) pela Universidade Federal de Goiás, Salvio Juliano P. Farias é mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais/ UFG. Nas Faculdades Alves Farias – ALFA, em Goiânia, atualmente leciona as disciplinas de Revista e Planejamento Gráfico em Jornalismo. Também é professor da Universidade Federal de Goiás e Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

mente difícil pode ser a captação de imagens ou a editoração de páginas. Porém, o resultado pode ser compensador. O curso de Jornalismo das Faculdades Alves Faria (ALFA), sediada em Goiânia (GO), publicou em dezembro de 2007 a primeira edição da revista *Entrelinhas*, produzida em laboratório pelos alunos do 7º período, sob minha supervisão, professor da disciplina *Revista*. O resultado surpreendeu positivamente a alunos envolvidos no projeto e leitores de maneira geral. O fato tem motivado não só os acadêmicos do período seguinte a se dedicarem à produção da *Entrelinhas* com mais afinco, como sensibilizou a diretoria da instituição a dar continuidade à publicação, que hoje já soma quatro edições.

A seguir, apresento uma síntese da avaliação informal feita com os alunos envolvidos na produção dos quatro primeiros números, salientando aspectos positivos e negativos para a concretização das ações. Cabe ressaltar que foram somadas aos relatos dos alunos, minhas impressões como professor da disciplina e gestor do processo.

2. Aspectos facilitadores

No contexto das Faculdades ALFA diversos fatores contribuíram positivamente para a produção das primeiras edições da *Entrelinhas*. A princípio, foi possível perceber um deslumbre dos alunos sobre a prática em torno da revista já nos primeiros encontros. No que diz respeito ao texto,

a mais provável explicação para essas expectativas reside no fato que a revista é um veículo que exige “de seus profissionais textos elegantes e sedutores” (Vilas Boas, 1996, p. 9). Como esse conceito foi apresentado e discutido em sala de aula, é natural que se quisesse produzir textos com tais qualidades.

Se na redação do texto residiu boa parte desse poder de atração da revista, a necessidade de se aprofundar no desenvolvimento das pautas, com apuração mais atenta, também desempenhou forte poder de sedução entre alunos. A possibilidade de se escrever um texto menos padronizado, distanciando-se do lead tradicional acabou por soar, na percepção deles, como a tão sonhada “liberdade” para se escrever, sem as amarras da técnica. Houve relatos de alunos dizendo que “sabiam” escrever antes de entrar no curso de Jornalismo e que tiveram de “desaprender” ao longo dos períodos.

Uma vez que ocorre essa “desconstrução” da redação aprendida no ensino médio, em detrimento das técnicas de redação jornalística, é compreensível que os alunos almejem esse retorno ao texto mais livre, que provavelmente poderia ser encontrado no exercício do estilo magazine.

Outro elemento facilitador processo apontado nas conversas foi a liberdade de criação de pautas. Nas reuniões não houve qualquer espécie de cerceamento, a não ser quanto à manutenção de certa factualidade, atenção à pe-

riodicidade, e, em maior grau de importância, quanto o público-alvo. Conforme definição dos próprios acadêmicos, a *Entrelinhas* deve ser endereçada a jovens universitários, de ambos os sexos, com poder aquisitivo mediano, residentes na cidade de Goiânia ou municípios da região metropolitana. Nota-se que há uma identificação dos autores com o público-alvo, uma vez que eles gostariam de ler nas páginas da revista assuntos que espelham seus próprios interesses. Assim, as pautas foram criadas contemplando essa perspectiva, com temas como violência doméstica, educação, música, literatura, projetos sociais que envolvam jovens, torcidas organizadas de futebol, meio ambiente e histórias em quadrinhos.

Scalzo afirma que as fotografias são a “porta de entrada” do leitor nas páginas impressas (2004, 69). Naturalmente, os alunos reconheceram o poder de comunicação e sedução da imagem, demonstrando a preocupação em captarem fotografias condizentes com o cuidado que dedicaram a seus textos. Porém, como se verá mais adiante, essa busca foi tarefa árdua para a maioria deles. Um ponto facilitador foi a existência de fotógrafos nas turmas. Houve pelo menos um aluno com altíssimo grau de interesse em fotografia nas edições 1, 3 e 4.

Além das reportagens, a produção de fotografias configurou uma etapa que mobilizou diversos alunos. As capas, por exemplo, foram executadas por meio de discussões

coletivas para se decidir que imagem representaria de maneira única o tema principal de cada edição. Na primeira edição, por exemplo, brinquedos foram fotografados para a capa e matérias principais. O urso de pelúcia que ostenta um olho roxo e curativo na capa virou uma ilustração para a manchete “Violência: As crianças também são vítimas”; e bonecas de plástico e super-heróis de borracha tornaram-se protagonistas de matérias intituladas “Te pego lá fora” e o “Caminho de volta para casa”, sobre violência nas escolas e em casa, respectivamente.

No que diz respeito ao projeto gráfico, além da existência de uma boa redação laboratorial, o aspecto facilitador também foi a existência de um responsável pelas atividades. Em cada edição, um editor de arte apresentou propostas de alterações para a turma, sempre com a preocupação de se manter a identidade visual. As escolhas foram discutidas com todos, como a opção em se manter o corpo do texto alinhado à esquerda. Essa tomada de partida foi defendida desde a primeira edição com a alegação de que deveria ser priorizada uma identidade visual mais contemporânea, condizente com o público-alvo.

3. Aspectos que dificultaram o processo e possíveis soluções

O trabalho em equipe foi apontado como o principal elemento complicador nas atividades em laboratório, sobre-

tudo quando se referia à edição. De maneira geral os alunos temiam que seus textos ficassem mal-editados ou fossem cortados à revelia. Acertou-se, então, que as reportagens só seriam editadas em cópias de arquivo e que todas as ações seriam discutidas num segundo momento com os editores e o professor. Quanto à apuração de dados, autores de colunas reclamaram da periodicidade da revista (semestral) e da dificuldade em se produzir notas que apresentassem o mínimo de factualidade. Com essa justificativa, algumas colunas deixaram de ser publicadas nas edições.

Se a oferta de máquinas fotográficas digitais com melhores preços e maior resolução representa um aspecto facilitador no processo de produção de um impresso, por outro lado é possível verificar um verdadeiro “analfabetismo visual” entre os alunos de maneira geral. E apesar da tão comentada enxurrada de imagens a que as sociedades contemporâneas são submetidas (Dondis, 2000, p. 16), é comum verificar-se uma verdadeira apatia diante da possibilidade de se produzir uma imagem que apresente intencionalidade na busca por sentido e que contenha pontos de atração. Em suma, raramente os alunos percebem a imagem como elemento de comunicação, associando a ela a função de mera ilustração. Por outro lado, uma saída possível para auxiliar no “treino do olhar” foi a produção fotográfica na própria redação laboratorial, com discussões propostas pelo professor e encampadas pelo grupo. A ini-

ciativa apresentou resultados concretos, como no envolvimento de todos na captação das imagens da capa e principais matérias.

Quanto à composição das páginas, o principal problema detectado a distância entre o aprendizado de técnicas de planejamento gráfico (no caso da ALFA, realizado no 4º período) e a produção da *Entrelinhas*, dois semestres e muitas aulas de rádio e TV depois. Poucos alunos continuam a trabalhar com softwares específicos de diagramação ou tratamento de imagens e acabam por se esquecer do conteúdo prático dessas aulas. Nesse caso, o editor de arte da revista recrutou os diagramadores e realizou oficinas do QuarkXpress, o programa de editoração eletrônica disponível no laboratório.

Por outro lado, é no 7º período que os alunos apresentam o conjunto de saberes necessários para desenvolver a produção laboratorial de um produto que figura como coroarmento de diversas áreas do ensino de Jornalismo. Nessa relação interdisciplinar há desde as práticas de redação à fotografia, passando pela infografia, planejamento gráfico e edição. E é somente nesse período que os alunos, reunindo esses pré-requisitos e antes de mergulharem nos Trabalhos de Conclusão de Curso, podem dedicar-se à produção de um impresso de alta complexidade: a revista.

Referências

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LESLIE, Jeremy. *Novo Design de Revista*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VILAS BOAS, Sergio. *O Estilo Magazine: O texto em revista*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1996.